

UM OLHAR SOBRE O ESPAÇO ESCOLAR

Este texto tem como objetivo realizar uma reflexão sobre o espaço construído na escola. Acreditamos que essa reflexão possa levar nosso leitor a olhar para o seu próprio espaço escolar não apenas no que se refere a sua sala de aula, mas a um olhar sobre todo o espaço escolar, que para nós está repleto de outros espaços denominados como espaço oculto, espaço de higienização, espaço de poder, espaço do tempo, espaço da autoridade, espaços tecidos pelas marcas e territórios historicamente construídos por todos nós. Chamo de espaço também todo ambiente, lugar, arquitetura e mobiliário que, de uma forma ou de outra, compõe e nos mostra, mesmo que invisível², o cotidiano de uma escola e de uma sala de aula.

Mas o que é *espaço*, afinal?

Para podermos compreender suas dimensões e limites, seus efeitos de verdade e suas aparições no cotidiano escolar, precisamos percorrer um caminho orientador para discutir esse conceito relevante ao problema de que estou tratando. Tal incursão se constrói nesse mesmo caminho.

O conceito de espaço evoluiu com a história. *"Na Grécia antiga, Platão definiu espaço como um conceito híbrido - com uma conotação negativa para o termo híbrido, por sua*

¹Mestra em Educação pela Universidade Estadual de Campinas e professora de Educação Infantil da Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia - MG

²O uso do termo invisível se refere ao mobiliário, que, mesmo configurando e construindo espaços, se torna despercebido pelas pessoas que convivem no espaço escola.

indefinição. Demócrito definiu o espaço como 'o não ser'. Bem mais tarde Bergson via-o como um conjunto de pontos onde podemos transitar. Isaac Newton fez um avanço ao dizer que o espaço matemático não deve ser confundido com o espaço de nossa experiência cotidiana" (Cassirer, apud França, 1994 p.17-8).

Até esse momento o espaço foi tratado como uma noção dos órgãos dos sentidos, pela negação, indefinição ou não.

Foi Newton quem iniciou um novo rumo em direção ao conhecimento moderno, ao formular novas concepções para o antigo paradigma, que era o de "São Tomé"- só acredito vendo. O olhar era o principal órgão dos sentidos cultivado desde a Grécia antiga até o advento da modernidade. Enfim, *"a história é uma visão-pensamento do que aconteceu. O ato de olhar significa um dirigir a mente para um 'ato de intencionalidade', um ato de significação que, para Husserl, define a essência dos atos humanos"* (Bosi, 1997, p. 65).

Alfredo Bosi vai mais além ao nos mostrar uma ruptura com o paradigma do olhar. Com a modernidade o olhar passa a ser uma expressão, uma suspeita diante das coisas e até uma contradição, remetendo-nos à primeira ruptura epistemológica destacada por Boaventura Santos (1998), pela qual a ciência passa a ser entendida como se construindo contra o senso comum, dispondo de três atos epistemológicos: a ruptura, a construção e a constatação.

É sabido que a Teoria da relatividade e, em particular, a mecânica quântica introduziram importantes mudanças conceituais na física clássica, desorganizando o entendimento que se tinha das categorias clássicas de matéria, espaço, tempo e causalidade (Pino, 1996, p. 52).

Depois que tempo e espaço apareceram juntos na Teoria da Relatividade de Einstein ficou difícil separá-los.

Hoje, deparamo-nos com um tempo que organiza o espaço, que mede o espaço, com um dispositivo capaz de comandar, regular o espaço na vida das pessoas. Todos nós usamos, temos um relógio que controla nosso tempo-espaço. Nas palavras de Norbert Elias, "os relógios e os instrumentos de medição de tempo em geral, sejam eles de fabricação humana ou não, reduzem-se a movimentos mecânicos de um tipo particular, que os homens colocam a serviço de seus próprios fins" (Elias, 1998, p. 95). Na sala de aula existe essa medição do tempo-espaço e a professora o coordena de maneira tal que até o banaliza. Para muitos autores, com destaque para Milton Santos (1997), Mayumi Souza Lima (1989), David Harvey (1993), Luís Boada (1994), Lilian Monteiro França (1994), não há uma definição posta e fechada sobre o espaço, pois sua compreensão se insere num conjunto de

questões epistemológicas, no desenvolvimento das ciências e na reorganização social do homem. O espaço está ligado à História, à construção de uma cultura e à apropriação do espaço pelo homem e, por isso, não cabe defini-lo precisamente. Nossa intenção é aproximar-nos da compreensão formulada por alguns autores, para encaminhar nosso texto, dando-lhe um corpo e uma forma.

Um estudioso da questão do espaço no meio geográfico é Milton Santos. Para ele

a história do homem sobre a Terra é a história de uma rotura progressiva entre o homem e o entorno. Esse processo se acelera quando, praticamente ao mesmo tempo, o homem se descobre como indivíduo e inicia a mecanização do Planeta, armando-se de novos instrumentos para tentar dominá-lo. A natureza artificializada marca uma grande mudança na história humana da natureza (Santos, 1997, p. 17).

Santos quer-nos alertar, com essa afirmação, para o fato de que o homem tomou conta da natureza, o que levou a uma transformação do espaço habitado, ou, em suas palavras: "*graças ao modelo da vida adotado pela Humanidade daí surgem os graves problemas de relacionamento entre a atual civilização material e a natureza*" (Id. Ib., 1997, p.17). O que leva o problema do espaço a uma dimensão jamais vista antes pelo homem.

A aceleração contemporânea, que são momentos culminantes na História, traz ao mundo a globalização dos espaços aliada à globalização do tempo.

O espaço se globaliza, se adapta à nova era, mas não é mundial como um todo, senão como metáfora. Todos os lugares são mundiais, mas não há espaço mundial. Quem se globaliza, mesmo, são as pessoas e os lugares (Id. Ib., p.31).

Mas o que é lugar? Santos define lugar como a extensão do acontecer homogêneo ou do acontecer solidário. O lugar é regulado e organizado. Para Certeau (1998, p. 201) lugar é a ordem segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. Um lugar é, portanto, uma configuração instantânea de posições. Para o mesmo autor, espaço existe sempre que se tomam em conta vetores de direção, quantidades de velocidade e a variável tempo. O espaço é um lugar praticado. (1998, p. 202)

Santos explica ainda que

o espaço aparece como um substrato que acolhe o novo, mas resiste às mudanças, guardando o vigor da herança material e cultural, a força do que é criado de dentro e resiste, força

tranqüila que espera, vigilante, a ocasião e a possibilidade de se levantar

(Id. Ib., p. 37).

Para Milton Santos, o espaço "seria o conjunto indissociável de sistemas de objetos naturais ou fabricados e de sistemas de ações, deliberadas ou não." (Id. Ib., p.49) De certa forma, está ligado com a história, com a cultura de uma época. O que queremos afirmar é que o espaço e o tempo caminham juntos. O tempo no espaço pode ser tanto o cronológico, que arruma nossa vida como um relógio, quanto pode ser o tempo histórico, construído por sujeitos ao longo da história.

A questão da busca pelo entendimento de o que vem a ser espaço foi exposta por outros autores que, devido a suas importantes contribuições na tessitura deste trabalho, relaciono a seguir.

Para o historiador, o espaço é o lugar onde se faz a história, é o lugar onde ele encontra a sua matéria-prima, que, entre outras, pode ser *A caverna, a cidade, a fábrica, o espaço agrário, a família, o hospital, a prisão, o corpo, o sentimento, a escola e a memória com suas lembranças e reminiscências de um produzido, de uma engrenagem do poder, enquanto seleção e esquecimento* (Miceli, 1996, p. 9).

Para Miceli seria a terceira margem³, espaços esses que não têm fronteiras. Mas é mais do que isso. Para o autor, o historiador não está isento de identidade própria e particular. O que o leva a afirmar:

a construção do espaço, portanto, resulta de escolhas intencionais, como tudo que o autor vai colocar nele para preencher seus vazios intermináveis. Assim como em um cenário, cada parte deve ser rigorosamente considerada, em função das ações que vão ser representadas à sua frente e da hierarquização das personagens que virão à cena (Id. Ib., p.10).

Para Angel Pino (1996), que trata do espaço a partir da psicologia sócio-histórica, a categoria de espaço está atrelada a dois aspectos. O primeiro diz respeito à crença na existência do espaço objetivo, que parece estar profundamente arraigada nas pessoas. Isso se deve ao fato de o homem produzir *"imagens tão 'reais' da realidade que nos dão a ilusão de uma percepção imediata das coisas e do espaço como uma qualidade da sua materialidade"* (Pino, 1996, p.51).

O segundo aspecto nos informa que

³ Faz alusão ao conto de Guimarães Rosa: A Terceira Margem do Rio. Primeiras Estórias, José Olympio, Rio de Janeiro, 1969

nem o espaço nem o tempo são objetos da nossa percepção sensível, mas a sua condição. Sabemos que entre a coisa em si e a coisa percebida não há identidade nem esta é simples réplica daquela. A coisa percebida - única forma pela qual temos acesso à realidade - é resultado de uma série de processos de conversão de sinais (cuja fonte situamos na coisa em si) que ocorrem no interior de nós mesmos, tendo como suporte a corporeidade (Id. Ib., p. 54).

Tanto o primeiro quanto o segundo aspecto tratam de imagens reais ou não que o cérebro é capaz de produzir. Isso me leva a considerar a ilusão que temos de estar vivendo num tempo e num espaço comum para todos. Para Capra,

As imagens de objetos separados somente existem em nosso mundo exterior de símbolos, conceitos e idéias. A realidade à nossa volta é uma contínua dança rítmica, e nossos sentidos traduzem algumas de suas vibrações para modelos de frequência que podem ser processados pelo cérebro (Capra, 1982, p.294).

O homem corpóreo marca o seu lugar no mundo, através de sua experiência. Para tanto "o espaço não é uma realidade em si nem uma qualidade das coisas, mas a maneira como o sujeito corpóreo constrói sua experiência do mundo" (Pino, 1996, p.57).

Nas artes o espaço também foi significado e ressignificado. Isso podemos verificar nas obras surrealistas de Salvador Dalí, o qual nos faz embarcar em um peculiar espaço e tempo. Já nos trabalhos de Escher, tempo e espaço caminham juntos numa riqueza de composição. Na perspectiva cubista de espaço e tempo em Picasso, na síntese dos espaços nas telas de Klee e Mondrian, nas paisagens do estilo impressionista de Monet, na distorção do espaço por Van Gogh, um dos precursores do estilo expressionista, e, como não poderia deixar de ser, na poesia e na narrativa literária e em todas as expressões da Arte, o espaço também adquiriu significado e ressignificado.

Octávio Paz fala de forma poética sobre espaço:

ele é um onde. Nos rodeia e nos sustenta e o sustentamos e o rodeamos. Somos a sustentação do que nos sustenta e o limite do que nos limita. Somos o espaço em que estamos (...). A fronteira de onde eu termino e começo o outro, o alheio, está em perpétuo movimento, em contínua erosão. Na medida que penetra em mim, me alieno a mim, ando dentro de mim como em um país desconhecido: é mais um país que se faz e desfaz sem cessar. O limitado limita todos os limites. O espaço é pensável:

apenas o tocamos e ele se desvanece (Paz, 1983, p. 218).

Essa flexibilidade do espaço na poesia está presente na educação, na pintura e em outros campos. Quando Van Gogh pintou "Quarto" em Arles, no ano de 1880, fez uma leitura do espaço interior onde ele morava. Podemos sugerir que a preocupação de Van Gogh em registrar o quarto em sua obra é similar à preocupação de outros autores em buscar explicação e entendimento para o espaço. A pintura de Van Gogh exemplifica, para nós, a certeza de que o espaço não é algo destituído de valor. No momento em que fazemos uso do espaço, ele passa a compor nossa vida; não há espaço vazio, imutável, sem vida. Todo espaço é dinâmico e cheio de vida quando objeto de experiência corpórea humana. Mais uma vez o espaço está ancorado na pessoa humana, na história e, juntas, elas constroem a noção do espaço.

Concluindo, a busca pelas noções de espaço nos transportou para o universo espacial de vários autores como Santos, Miceli, Certeau, Pino, Octávio Paz, etc., que, por caminhos e áreas distintas, compartilham sentidos. O espaço está relacionado com o tempo e a história. Inserindo-me nesse repertório como professora e ancorada nos sentidos propostos por esses autores, diria que o conceito de espaço esboçado no decorrer deste trabalho tem neles suas raízes, como um espaço vivido, concebido e produzido pelas ações dos sujeitos (professoras e alunos/as), com escolhas intencionais e tomando como referência o tempo cronológico e histórico. E para tanto chamo de espaço também todo ambiente, lugar, arquitetura e mobiliário que, de uma forma ou de outra, compõem e nos mostram, mesmo que invisíveis, o cotidiano de uma escola e de uma sala de aula.

E o espaço escolar?

O espaço interfere nas relações existentes no interior da escola. No entanto, a qual escola estou me referindo? Que conceito de escola eu tenho para escrever sobre a questão do espaço? E em que escola se insere o espaço?

A escola é o espaço do saber e do poder, porque é em seu interior que acontecem as lutas, as disputas pelo espaço e a formação do futuro cidadão. No entanto, cabe a nós um pouco mais de atenção para esse espaço, que, segundo Ezpeleta e Rockwell (1989), é um processo inacabado de construção.

Fazendo um retrato da escola, diríamos que ela é um espaço historicamente produzido para atender às necessidades de uma determinada sociedade e de uma determinada cultura. E, para isso, ela deveria ser um espaço de confinamento e doutrinação. O papel da escola seria de instaurar um universo pedagógico através de dois traços: *"separação do mundo e, dentro desse recinto reservado, vigilância constante, ininterrupta, do aluno,*

vigilância de todos os instantes, que visa a constituir um auxílio, um devotamento de todos os instantes" (Snyders, 1974, p. 271).

Considerando que a escola é um espaço histórica e socialmente produzido, tendemos a admitir que

As diferenças regionais, as organizações sociais e sindicais, os professores e suas reivindicações, as diferenças étnicas e o peso relativo da Igreja marcam a origem e a vida de cada escola (Ezpeleta e Rockwell, 1989, p. 11).

E é com este olhar que adquirem sentido os relatos pessoais, a vida coletiva e particular, as formas de poder, a política instituída na escola, e por fim a rede de culturas existentes na escola.

Que a escola seja uma instituição do Estado e que existe por causa da sociedade todos nós já sabemos. Mas afirmar que é na escola, no seu interior que se dão os espaços de luta, de rebeldia, de ação e de conformismo é algo a ser pensado e visto. O que quero dizer é que adoto a idéia de que a escola é algo mais que uma instituição do Estado. Ela é o seu interior, as relações de disputa entre os seus parceiros de caminhada, é o espaço privilegiado para se criar novos espaços e caminhos para uma nova sociedade e é ainda a história não-documentada⁴. Um bom exemplo dessa escola podemos ilustrar com um episódio registrado abaixo.

A professora Carmem chegou à sala, às 13h05', e foi logo organizando as carteiras, separando umas das outras e dispondo-as umas atrás das outras. Algumas crianças estavam sentadas, outras no quadro desenhando casinhas, bonecas, carros e outras iam ao banheiro beber água como solicitou a professora Carmem: "*bebam água e vão ao banheiro.*"

Quando a professora pediu para todos se sentarem, cada um escolheu o lugar que lhe convinha. Até as 13h30' a professora não tinha estipulado nenhum lugar.

Em pé, à frente dos alunos, Carmem começou a mostrar uma gravura sobre as flores. A professora estava trabalhando "*Curiosidades sobre as plantas.*" Ela foi interrompida com a chegada da professora Ana Carla, que trouxe um outro material, uma outra revista com gravuras de flores. (As gravuras não foram utilizadas pela professora porque eram flores de plástico e a professora queria flores de palha.) Quando Ana Carla saiu da sala, a professora voltou à gravura das flores de palha. Carmem: "*O que é uma palha? Que cor é a palha?*"

As crianças prestavam atenção, até que, no fundo da sala, uma criança começou a ficar inquieta (levanta do lugar, conversa com o

⁴ Para Ezpeleta e Rockwell são os movimentos existentes no interior de cada escola que determinam as suas características e as suas peculiaridades.

outro). A professora parou a atividade e falou: "*Vou chamar seu pai e sua mãe para que eles vejam o que você está fazendo.*" Voltando à atividade, a professora começou a contar uma história, sobre as flores feitas de palha, inventada por ela mesma. O nome do personagem era Fábio, então algumas crianças lembraram e associaram o nome falado pela professora Carmem com nomes conhecidos por eles. "*O nome do meu pai é Fábio!*", "*Tia, meu primo chama Fábio.*" Carmem cortou o assunto mudando o rumo da história. Ela retomou com o trabalho de uma revista.

As crianças estavam sentadas nas cadeiras enquanto ela contava e mostrava o trabalho de uma artista plástica numa revista⁵. De vez em quando, uma criança sentava com o pé na cadeira ou ficava brincando com a grade debaixo da mesa, que é usada para guardar material.

Uma criança perguntou: "*Cadê o porta-retrato?*" Carmem: "*Eu mostro depois, de mesa em mesa. Enquanto eu entrego o caderno para vocês fazerem o dever: desenhar o que pode ser feito com a palha, vocês olham a revista.*" (Esse porta-retrato foi uma gravura mostrada no início da aula.)

Duas crianças levantam do lugar e vão até a professora. Ela pede para que elas voltem para seus lugares e começa entregando o caderno. A professora chama um por um e o aluno chamado levanta do lugar, calmamente, sem correr, sozinho, pega o caderno e volta para seu lugar, do mesmo jeito que foi, para fazer o que foi pedido: "*desenhar o que pode ser feito com a palha.*"

13h40'- Umas cinco crianças vão ao banheiro, sem pedir à professora. Quando voltam a professora diz: "Artur, seu lugar" (aponta com o dedo, mais brava). Ela passa entre as mesas dividindo a folha do caderno em quatro partes, um por um, e depois entrega o lápis para cada um.

Consideramos que apreender a escola como "*construção social implica compreendê-la no seu fazer cotidiano, onde os sujeitos não são apenas agentes passivos diante da estrutura, trata-se de uma relação em contínua construção de conflitos e negociações em função de circunstâncias determinadas*" (Dayrell, 1996, p.136). O que implica escrever que o espaço escolar é um espaço sociocultural, cheio de transgressões e de acordos, alianças e estratégias individuais.

A escola cumpre o seu papel de instituição do Estado e da sociedade, quando configura unidade e uma certa semelhança ao lidar com os alunos. Assim, "*os alunos vêem-se designados e confinados a grupos homogêneos que se constituem em categorias definidoras de acordo com as quais são*

⁵Revista CASA CLAUDIA/ Junho.1997:99-101. Título: A Natureza em suas mãos. Por: Liliâne Jeuken.

tratados e se espera que ajam" (Enguita, 1989, p.168-169).

No entanto, o cumprimento do seu papel por vezes é estabelecido pela rotina e pelas regras exercidas no espaço escolar, que às vezes podem ser quebradas e reconstruídas pelos seus próprios caminhos. É quando o espaço da *transgressão e da resistência* aparece. Podemos detectar isso na sala quando as crianças mudam, com suas atitudes, a aula estabelecida pela professora. Veja a situação abaixo.

A professora havia feito o seu planeamento de aula com um exercício de relaxamento seguido da atividade de escrita do nome. No decorrer da aula, após o lanche, quando a professora ia dar a atividade de escrita do nome, o aluno Luiz brinca com o colega Mateus. A professora chama a atenção do aluno Luiz dizendo que ele não está obedecendo às regras da sala.

Enquanto as crianças cumpriam a tarefa de desenhar o que pode ser feito com a palha, a professora saiu da sala, para ir ao banheiro. A maioria das crianças, quando perceberam sua ausência, levantaram do lugar e foram para a porta esperá-la. Quando um disse "Lá vem ela!", todos correram de volta e sentaram no lugar, com a cabeça na mesa. De repente, Daniela grita: "A tia! Vamos sentar, senão a gente fica sem pátio."

Esse espaço de resistência e transgressão está além do visível. O/A aluno/a transgredir a autoridade da professora em rápidos lances de folga. Esses fatos demonstram a quebra da rotina imposta pela escola, na sala de aula, na figura da professora. As regras, que são a autoridade da professora, que tanto configuram a criança no espaço da sala, são redefinidas quando um/a aluno/a contraria sua ordem.

O exercício constante da autoridade sobre eles é uma forma de fazer-lhes saber e recordar-lhes que não podem tomar decisões por si mesmos, que não se pode depositar confiança neles, que devem estar sob tutela. (Enguita, 1989, p. 165).

No entanto, isso é transformado e ressignificado no espaço da sala de aula. Podemos perceber como os/as alunos/as apropriam-se dos espaços de modo a ressignificá-los, a transformá-los, dando outros sentidos e formas próprias de sociabilidade. Um bom exemplo disso é encontrado no texto abaixo.

A sala estava disposta com as carteiras em círculo, organizadas pela professora antes da aula começar. Em cima de cada mesa havia um crachá com o nome da criança significando o lugar em que cada

criança deveria se sentar e nas cadeiras havia uma fantasia de animal escolhida pela professora. A criança deveria vestir a fantasia.

No momento em que as crianças chegaram e viram as fantasias e a sala em círculo, elas ficaram eufóricas e rapidamente vestiram a roupa sem se preocuparem em achar o seu nome com o lugar "definido" pela professora para sentar.

A atitude dos/as alunos/as diante da atividade proposta pela professora nos informa que houve uma *transgressão do espaço*. Os/as alunos/as desapropriaram a produção da professora e criaram, para ela, novos sentidos. A própria professora transgrediu a rotina do espaço escolar quando propôs outra forma para o espaço da sala. Tanto aluno/a quanto professora redefiniram um espaço estabelecido anteriormente. A escola tem uma dupla face: a face oculta e a visível. Também obedece a uma ordem, ela precisa se manter como escola ensinando conteúdos cujo por quê as professoras e mesmo as diretoras não compreendem. Isso ocorre porque boa parte dos currículos escolares é definida em instâncias superiores e não pelo grupo da escola. Haja vista os RCNs (Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil) e os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), que foram concebidos nos gabinetes e enviados para a escola. No entanto, é bom destacar que encontramos algumas escolas públicas que procuram brechas para exercerem possibilidades contrárias a essas normas e buscam para seus currículos alternativas diferentes da estipulada pelo Estado. É o que Ezpeleta e Rockwell expõem como uma trama permanente de histórias locais-pessoais e coletivas nas quais a vontade estatal pode ser assumida ou ignorada, mascarada ou recriada, em particular abrindo espaços variáveis a uma maior ou menor possibilidade hegemônica. E que do ponto de vista dessas autoras são o ponto de partida para novas alternativas tanto pedagógicas quanto políticas.

E o que é a escola? A escola é uma instituição da nossa sociedade. Na verdade a escola não possui apenas atributos físicos, ela é também constituída por atributos orgânicos, com movimentos e dinâmicas contra os quais o próprio *corpo* tende a se rebelar e se revelar. A escola é os seus muros, sua arquitetura, seus sujeitos, personagens de uma história não concluída. Na escola é essencial que nós professores tenhamos um olhar mais apurado para o espaço escolar. É interessante salientar que as propostas de construção desse espaço devam partir do coletivo da aula, da escola. Seus limites não estão restritos a quatro paredes. Produzir um ambiente agradável na sala de aula que leve a uma melhor interação entre alunos e professores é um caminho que deve ser trilhado por todos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Alfredo: "**Fenomenologia do Olhar**" IN: NOVAIS, A. O Olhar. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

BOADA, Luís. **O Espaço Recriado**. São Paulo: Nobel, 1994.

CAPRA, F. **O Ponto de Mutação**. São Paulo: Cultrix, 1982. CASSIRER, Ernst: Antropologia Filosófica. In: FRANÇA.L.C.M: "Caos, Espaço, Educação." São Paulo: Annablume, 1994.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano** Petrópolis: Ed. Vozes, 1998.

DAYRELL, Juarez.(Org.): **Múltiplos Olhares sobre Educação e Cultura**. Belo Horizonte; UTE/ Humanitas, Simpro, 1996

ELIAS, Norbert. **Sobre o Tempo**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998.

ENGUIA, F. Mariano. **A Face Oculta da Escola - Educação e Trabalho no Capitalismo**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

EZPELETA, J. & ROCKWELL, E.: Pesquisa Participante. Campinas: Autores Associados, 1989.

FRANÇA, C. M. L. **Caos- Espaço-Educação**. São Paulo: Ed. Annablume, 1994.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1989. LIMA, Souza Mayumi. **A Cidade e a Criança**. São Paulo: Ed. Nobel, 1989.

MICELI, P.: A Terceira Margem - Notas breves sobre a representação do espaço no trabalho do historiador. IN: MIGUEL, A. & ZAMBONI, E. (orgs): **Representações do Espaço: Multidisciplinaridade na Educação**. Campinas: Autores Associados, 1996.

PAZ, Octávio.: **Sombras de Obras**. Barcelona: Seix Barral, 1983.

PINO, ANGEL. : A Categoria de "Espaço" em Psicologia. IN: MIGUEL, A. & ZAMBONI, E. (orgs.) **Representações do e**

Espaço: Multidisciplinaridade na Educação. Campinas: Autores Associados, 1996.

SANTOS, Boaventura. **Introdução a uma Ciência Pós - Moderna.** São Paulo: Ed. Graal, 1998.

SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo. Globalização e meio técnico - científico informacional.** São Paulo: Hucitec, 1997.

SNYDERS, G. Os séculos XVII e XVIII. In: DEBESSE E MILARET (ORGS) **Tratado das Ciências Pedagógicas.** São Paulo: Nacional e USP, 1974.

VIEIRA, Analúcia de Moraes. **Produções de espaço-tempo no cotidiano escolar: um estudo das marcas e territórios na educação infantil.** (Dissertação de Mestrado) Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas: São Paulo, 2000.